

CINZAS, por Rubens C. Brito.

Sexta-feira, a última do mês.

E ela decidiu que precisava vê-lo mais uma vez.

Despertou em meados da tarde, a ideia como um peso já familiar na cabeça e por momentos outros. Após o longo banho quente, vestiu involuntária combinação a resultar em imagem estranha de si. Ou era si a estranha ali, em cores amenas – por dentro e por fora. Uma, somente, era cor quente, em vestígio nos fios de cabelo. Tom artificial e acobreado, mitigado como o apetite.

Colocou numa bolsa coisas que sabia não precisar – não naquele dia – e capturou-se, por um momento e pelo ato simples, pensativa sobre a sensação de preenchimento. Precisava. Pelo menos com os objetos diante de si o controle detinha, não detendo-se ao perceber que a ansiedade criava ritmo apressado através de seus passos. Taquear indevido, logo incidente pelo concreto. E tudo bem, contanto que não permitisse a si tropeços e mais machucados vaporosos para tratar.

Tudo bem, foi o que repetiu mental e nervosamente quando no percurso motorizado. Não para autoconvencer que lidaria bem com a afetação consequente daquilo que poderia estar por vir, envolvendo não tão antigo afeto seu, depositado e devolvido naquele e por aquele que, não mais recíproco, talvez estivesse no local para o qual agora rumava. Mas sim e justamente para tentar nublar, como fazia o céu ao externo todo, os bons momentos entre eles dois. Lembranças que, apesar de alegres, surgiam protuberantes e quase espinhosas por terem sido colhidas, em corte cego, ante a continuidade.

Ele foi quem assim fez suceder. Parecia ter apresentado a si maturada felicidade, renovável, irreverente aos atritos que não aconteceram, tornando ideal tudo que juntos respiraram por preciosos meses imprecisos. Até que tornasse as costas, súbito, e a abandonasse sem justificativas, sem reagir às tentativas de contato dela.

Tão intensa e rapidamente como foi aproximada, ela afastada foi. Sem ter mínima culpa. Muito havia flexionado as palavras, as ações e qualquer outro erro possível que talvez tivesse partido de si, despercebido, culminando ou colaborando para o fim. Mas nada encontrava.

Então, decidida a vê-lo, não pensou ou mediu os atos até próxima estar do estabelecimento que já era seu favorito, frequente, muito antes de ser o local no qual o conheceu. E desejou, mais intimamente do que admitiria, que pelo menos o hábito de ali frequentar não tivesse sido por ele alterado. Não como foram alteradas as escolhas

recentes, num “mergulho rasante em profundidade que ninguém compreende”, dissera-lhe, na última e distante conversação. Esquivo enigma.

Riu-se pela ênfase involuntária dada ao “escolhas recentes” e “distante conversação”, temos juntos em mesma conjugação paradoxal. Parou. Dos lábios, escapou o frágil riso, o sorriso fechado entredentes por vê-lo, claramente, vindo em direção ao seu lado da calçada, mas não para si, ainda a alguns passos do arco de entrada construção azul.

Prevista coincidência.

Não foi notada nesse instante. Quis sentir o sentido de si e de ser. Encontrou, em inércia, a ausência do que reconhecia: a intenção primeva e impensada, o impulso reacionário, a raiva febril, as raízes do receio, a dor e a tristeza – antes latentes e agora dormentes... tudo em absolvição pela absorção do ato.

Absteve. Iam-se segundos demais quando se deu por si para seguir, subir os degraus para o andar segundo, descartando possibilidades que não chegou a considerar diante do que viria a fazer, afinal. Ignorou olhares familiares, anteriores, mas não conseguiu ante os grãos-aromas, cereais, fermentadores; líquidos quentes e demais insumos para arrefecer fomes despertas sob sol nascente ou poente.

Oito passos entre eles. Um corpo em repouso, as mãos amargas envoltas a uma xícara, rosto inexpressivo como seriam as borras ao fim do chá que os lábios saudosos tocavam; o outro, rijo, prestes a titubear imóvel como já faziam as letras em desordem no sótão, a notar que a comum sintonia da cena, alheia a si, era a origem da própria atonia na a atmosfera dali, de tom acinzentado como aquele que ele talvez sempre conservasse dentro de si, sem que ela tivesse percebido.

Inspirou coragem, deu quatro passos adiante e murchou (suspiro-palavra-engolida) ao primeiro olhar entre eles cruzado, untado daquela ausência que advém de borrões, os floreios mal apagados e incrustados na memória como estrelas de poeira. Nenhuma saudação convidativa, trejeito cortês ou seu oposto fez-se presente. Fitavam-se, como se o outro fosse uma obra de arte sensível, incompreendida e indiferente. A neblina que pairava diante dos olhos dela dissipou somente quando os desviou para o próprio reflexo em um aquário mediano, ao lado. Pequenos peixes coloridos nadavam incansavelmente, confinados ao querer de outrem, habituados à limitada circularidade.

De repente, ela compreendeu. Abandonou o encaixe de qualquer confuso propósito que carregava até ali. Não mais precisava obter as respostas que procurava: encontrava-as dentro de si. Tornou as costas em novo alento e partiu.

De repente, a chuva.

Gotas frias compunham sonora companhia no choque contra as extremidades, borrando os sintomas daquela que embebia, afastando-os para a extinção. Ela estava a recobrar suas cores, reconhecendo que a figura que tanto admirava e visava, protegida em abrigo fixo e filosofia própria, havia furtado elas para si, monocromático, transformando-a em semelhante; em cinzas. E das cinzas, a ex-estranha recompôs sua flama intrínseca, ardente em afago íntimo porquanto os passos em poças guiavam sem rumo e mais direcionados que nunca.